



A fotografia Insta: a nostalgia pelo meio ¹

Eduardo Leite VASCONCELOS²
Janayna da Silva ÁVILA³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

A imaterialidade e a efemeridade das imagens virtuais fizeram emergir um novo movimento de nostalgia fotográfica. Dotada, por essência, de certo poder nostálgico, essa característica da fotografia, hoje, foi reconfigurada. Hoje, não sentimos mais nostalgia pelo momento (necessariamente) passado representado na imagem, mas pelo meio da fotografia analógica. Duas vertentes nostálgicas são observadas nesse fenômeno: a *retrô* (fotografia através dos meios digitais, mas com referências estéticas à fotografia analógica) e a *vintage* (fotografia analógica de volta ao mercado e ao desejo de consumo).

PALAVRAS-CHAVE: aura; fotografia; internet; nostalgia.

TEXTO DO TRABALHO

A digitalização e a incorporação da fotografia à internet e aos meios móveis de comunicação (celulares e *tablets*) tiveram diversas consequências significativas nos modos de fazer, editar, veicular e até observar imagens.

Quando a fotografia era apenas analógica, a obtenção de imagens dava-se apenas através de câmeras fotográficas. Hoje, levamos nossas câmeras embutidas em nossos celulares para todos os lugares e, assim, estamos sempre aptos a fotografar, independente das circunstâncias e ainda que os recursos sejam limitados. Além disso, a chamada “fotografia móvel” expandiu os limites do fazer fotográfico a um público totalmente novo. Até os modelos mais baratos de telefones móveis possuem câmeras, levando a possibilidade de fotografar a quem antes não tinha interesse ou condição financeira de comprar uma máquina fotográfica.

Como José Afonso da Silva Junior afirma em “Da fotografia expandida à fotografia despreendida: como o *Instagram* explica a crise da *Kodak* e vice-versa”

¹ Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas em 27 de novembro de 2013, email: eduardooleite@hotmail.com

^{3 3} Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, email: janaynaavila@hotmail.com



(2012), o aumento da qualidade das imagens obtidas através do celular e a possibilidade de publicá-las instantaneamente na internet causou o rompimento de certos paradigmas da fotografia.

De um lado, temos a possibilidade imediata de fazer imagens sem premeditação ou projeto, ao sabor da *flanerie*, e do outro lado, a possibilidade de difundir essas imagens sem a intermediação dos monopólios. É uma situação que se encontra borrando as fronteiras entre o produzir e o ver, o produtor de imagens, amador ou profissional, é, ao mesmo tempo, consumidor de imagens, mas o consumidor de imagens se converte cada vez mais em um produtor (JUNIOR, 2012, p. 6).

A possibilidade de se conferir a imagem logo após o ato de apertar o disparador também é um fator de expansão da fotografia a um público novo. Em “A câmara clara”, Roland Barthes diz: “não sou fotógrafo, sequer amador: muito impaciente para isso: preciso ver imediatamente o que produzi” (BARTHES, 1984, p. 20). Esse público, como Barthes, mais “impaciente”, superou essa barreira com a fotografia digital, instantânea e quase sem limite de quantidade de imagens.

A pós-produção da imagem (também chamada de edição) ganhou novos patamares com a criação de softwares⁴ de edição, como o Photoshop. Vale notar que a fotografia analógica também é editável através do manuseio dos negativos. Com a fotografia digitalizada, essa edição se tornou mais simples e expandiu a possibilidade de mudanças na fotografia a ponto de, quase sempre, nos perguntarmos, ao vermos uma imagem na internet, se aquela imagem é ou não editada. Hoje já é possível editar fotografias digitais através de aplicativos, nos próprios aparelhos celulares, com apenas alguns toques.

Quando da época da fotografia analógica, apenas eram veiculadas imagens nas mídias impressas (hegemônicas) e apenas por quem estava inserido nelas. Hoje, qualquer pessoa com acesso à internet pode veicular imagens que podem ser vistas em todo o planeta.

A observação de imagens também sofreu grandes mudanças ao longo dos anos. A fotografia analógica era inteiramente palpável. Antes de sua digitalização, era inimaginável uma imagem totalmente abstrata – mesmo as projeções precisavam dos slides para existir. Em jornais, revistas, álbuns de família, porta-retratos, a fotografia possuía a materialidade como uma característica indispensável.

⁴ Software: s.m. (pal. Ing.): Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados. (Fonte: Aurélio Online)



Agora, no início do século XXI, as fotografias são vistas de muitas maneiras. E a grande maioria delas não envolve a ideia clássica presente até os anos 1990. A geração nascida após essa data tem, certamente, uma ideia de fotografia construída em um modelo cognitivo diferenciado da fotografia materializada em papel (JUNIOR, 2012, p. 5).

Hoje, a maioria das imagens que vemos existe apenas no mundo virtual. Só são vistas através de suportes tecnológicos que as tornam abstratas, intocáveis. Outra mudança na forma como observamos as imagens atualmente refere-se à quantidade de tempo que dedicamos à contemplação de uma imagem. Não mais observamos fotos; apenas as olhamos. Se antes passávamos certo tempo olhando a imagem para decifrar o momento retratado por ela e imaginar como teria sido aquele acontecimento, hoje apenas dedicamos poucos segundos (o suficiente para decidir apertar ou não o botão “curtir” nas redes sociais) a essa imagem. E, passados esses poucos segundos, nos deparamos com outra imagem em um ciclo incessante de imagens.

Além disso, na internet, só fica em evidência o que é novo. À medida que publicamos novos conteúdos na internet, os mais antigos vão desaparecendo das páginas principais, ficando cada vez mais difíceis de serem encontrados, até se tornarem praticamente inexistentes. Note-se que esse processo não demora a acontecer devido à quantidade gigantesca de conteúdos publicados a todo o momento na rede. Este fato acontece especialmente nas redes sociais.

A imaterialidade e a efemeridade da imagem da internet fizeram surgir uma nova forma de nostalgia fotográfica nas imagens produzidas hoje em dia. Um grande movimento de “imitação” e reaproveitamento da fotografia analógica é visto na internet, por mais que não se dê conta disso. Hoje são vários os sites e aplicativos de celular que simulam uma câmera analógica através de filtros colocados sobre a imagem original, dando a essa imagem um aspecto antigo, nostálgico.

É essa fotografia que denominamos, aqui, de “fotografia Insta”: as imagens fotográficas contemporâneas que ancoram no passado através de características que remetem ao fazer analógico da fotografia. O nome “insta” vem do aplicativo para smartphones Instagram, cujos filtros simulam características estéticas que remetem a imagens analógicas. Escolhemos tal aplicativo para falar de uma maneira geral dessas imagens nostálgicas por ele ser o mais usado no mundo inteiro com tais características. Tanto que vários outros aplicativos usam seu prefixo (insta) e seu sufixo (gram) em seus nomes como forma de se promover através do grande sucesso do *Instagram*, como



Instapicture, Instamessage, Polagram, Instabooth, Instacollage, Symbolgram, Mozagram, entre outros.

Vale notar que a fotografia é resultado do “congelamento” pela câmera de um momento da realidade, sendo, então, sempre uma representação de uma realidade do passado; um momento que não se repetirá mais na realidade, mas que pode, através da fotografia, ser transportado para o futuro. Ao olharmos uma foto antiga, somos levados em pensamento ao momento em que aquela foto foi tirada ou, se a memória falhar, à época e aos acontecimentos mais significativos daquele tempo. Por isso, a fotografia sempre foi dotada de certo poder nostálgico.

Essa nostalgia teve continuidade na fotografia digital, embora reconfigurada. Hoje, o momento retratado pela fotografia deixa de ter esse poder – torna-se inclusive efêmero, já que a imagem dura pouco tempo na rede – e o transfere à fotografia analógica, que é simulada por editores de imagem. Resumidamente, essa reconfiguração da nostalgia na fotografia se dá da seguinte forma: antes a nostalgia na fotografia era pelo conteúdo⁵ (o momento retratado impresso na imagem fotográfica), hoje é pelo meio⁶ (a fotografia analógica).

1. Fotografia *retrô* versus fotografia *vintage*

A nostalgia é característica da sociedade contemporânea, presente especialmente na mídia e no design. Essa nostalgia se manifesta na fotografia através da grande valorização que se tem dado à fotografia analógica e suas características estéticas. A nostalgia contemporânea pode se manifestar de dois modos diferentes (porém não excludentes): o *retrô* e o *vintage*.

De acordo com a *designer* Raquel Rohenkohl, é considerado *vintage* o “objeto que foi do passado, incorporado no repertório atual” (ROHENKOHL, 2011, p. 5). Já *retrô*

é o objeto produzido hoje, inspirado nas características formais do estilo do passado, com processos de fabricação atuais. De modo geral,

⁵“O 'conteúdo' de um meio é como a 'bola' de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu 'conteúdo' é um outro meio” (MCLUHAN, 1964, p. 33). O conteúdo de um meio é, então, aquilo que é percebido através de sua mensagem. No caso, o conteúdo de uma fotografia é o momento retratado pela imagem.

⁶ A palavra “meio” em McLuhan possui significados variados atrelados a ela. Aqui, usamos o termo “como maneira, ou modo, veículo para a realização de diferentes operações, daí o sentido que ganha, quando a operação em questão for a comunicação, de veículo de comunicação” (PEREIRA, 2004, p. 8).



indica em uma peça algumas características do passado, ou seja, envolve uma reciclagem de estilos (ROHENKOHL, 2011, p. 5).

1.1. O Instagram

O Instagram é um aplicativo⁷ de produção, edição rápida e divulgação de fotos e, mais recentemente, vídeos feito para os chamados smartphones⁸. O aplicativo foi lançado no dia 6 de outubro de 2010. De acordo com seus desenvolvedores, Kevin Systrom e Mike Kriger, o Instagram surgiu com o propósito de resgatar a fotografia instantânea – consagrada pelas câmeras analógicas da Polaroid, onde as imagens eram reveladas e impressas no ato do disparo –, porém moldada de modo a se encaixar no modo fotográfico contemporâneo: digital e on-line. Dessa forma, as fotografias feitas através do aplicativo são disponibilizadas nas redes sociais em poucos segundos e sem muitos ajustes. “A força da sua [Instagram] proposta situa-se na vinculação entre mobilidade de captura, associada a uma simplicidade e automação do tratamento e imediata disponibilização das imagens nos circuitos das redes sociais” (JUNIOR, 2012, p. 2).

Com a fotografia digital, já era possível visualizar a imagem obtida pela câmera fotográfica logo depois de o fotógrafo apertar o disparador, porém, com o Instagram, essa fotografia digital se torna instantânea ao se ter a possibilidade de publicar a imagem na rede e divulgá-la para o mundo logo depois de ela ser produzida, atividade não permitida pelas câmeras digitais, exceto pelas chamadas *smartcâmeras*, que possuem integração com as redes sociais. Porém, essas câmeras ainda são novidade no mercado e ainda não se popularizaram.

Além dessa instantaneidade, a nostalgia se mostra presente no Instagram através do formato quadrado de suas fotos, que faz referência às antigas câmeras Hasselblad, e dos diversos filtros⁹ que podem ser aplicados à imagem no momento da edição. Hoje, o aplicativo possui 19 filtros que proporcionam diferentes possibilidades de contrastes,

⁷ “Um software aplicativo é um tipo de software concebido para desempenhar tarefas práticas ao usuário para que este possa concretizar determinados trabalhos” (PIZA, 2012, p. 7)

⁸ Celulares que funcionam através da tecnologia dos sistemas operacionais, assim como os computadores, e permitem ao usuário instalar e desinstalar programas e aplicativos.

⁹ “Um filtro fotográfico é um acessório de câmera fotográfica ou de vídeo que possibilita o manejo de cores e/ou a obtenção de efeitos de luz pela sua inserção no caminho ótico da imagem” (PIZA, 2012, p. 10). De fato, os filtros do Instagram não são físicos, são simulados no momento da edição. No momento em que um filtro fotográfico foi colocado na lente da câmera do telefone no momento da captura, modificando, então, as características de luz e cores das fotos.

saturação de cores, bordas e outras características que simulam a estética das fotografias analógicas dando um caráter “envelhecido” às imagens.

A fotografia do Instagram pode ser considerada como uma manifestação retrô da nostalgia na produção visual, pois ela faz referência ao passado ao simular aspectos analógicos numa imagem digital, por sua vez completamente inserida na plataforma dos meios tecnológicos (no caso, os smartphones) e no fazer fotográfico característico da era digital.

As fotos a seguir foram retiradas do Instagram – com a devida autorização de seus autores para reprodução – e apresentam características estéticas de fotografia analógica que exemplificam bem o aspecto retrô valorizado no Instagram.



Imagem 1. Fotografia por Luiz Vasques



Imagem 2. Fotografia por Pedro Trindade

A primeira dessas características, presente na imagem 1, é o “vazamento” de luz, que, na fotografia analógica era considerado como um defeito ou erro e no Instagram torna-se elemento estético que valoriza a imagem. Ainda na imagem 1, a granulação forte da imagem remete aos filmes com alto ISO, que deixam os grãos de prata mais aparentes na imagem. Já a borda da imagem 2 imita um negativo analógico.

Obviamente, existem vários outros aplicativos que fazem essa simulação da fotografia analógica tão bem quanto o Instagram. Ele foi escolhido para servir de exemplo como manifestação da nostalgia retrô na fotografia pela sua grande popularidade e pela inovação que proporcionou ao ato fotográfico.

Segundo informações dos próprios desenvolvedores, com um mês de existência, o Instagram já acumulava mais de um milhão de usuários. Oito meses de existência depois – junho de 2011, o aplicativo já



acumulava números que refletiam um crescimento acelerado: 100 milhões de fotos publicadas no total, sendo sete milhões de usuários (PIZA, 2012, p. 13)

No primeiro trimestre de 2013, o Instagram atingiu a marca dos 100 milhões de usuários¹⁰. “A consequência é a publicação média de 15 fotos por segundo, num total de aproximadamente 1,3 milhão de imagens divulgadas por dia, sendo 80% editadas através das ferramentas do aplicativo” (PIZA, 2012, p. 14). O grande sucesso do Instagram fez com que ele fosse vendido ao Facebook por U\$1 bilhão¹¹. “De longe, é o mais alto valor pago até o momento pela compra de um sistema/aplicativo dedicado a funcionar em plataformas móveis” (JUNIOR, 2012, p. 2).

O sucesso do aplicativo se deve ao fato de o Instagram proporcionar um modelo de fotografia totalmente novo, “que não encontra precedentes na experiência fotográfica feita com átomos, química e cadeia industrial” (JUNIOR, 2012, p. 2), desprendido das formas hegemônicas da fotografia, fazendo com que todos os que possuem o aplicativo possam gerar conteúdo fotográfico e publicá-lo instantaneamente na internet, além da estimulação ao consumo desenfreado de imagens.

O traço principal do aplicativo parece ser o eixo que ele configura entre o modo de se fazer e ver fotografias. Ou seja, atua na base da própria forma da fotografia, se compreendermos esta como a comunicação entre o modo de se clicar e de se consumir/acessar (JUNIOR, 2012, p. 2).

1.2. A lomografia

A volta das câmeras analógicas ao desejo do consumo da sociedade se configura como aspecto *vintage* da fotografia nostálgica contemporânea. A fotografia com filme, há um bom tempo considerada “obsoleta”, voltou a ser consumida por um público ainda restrito, mas entusiasta da prática analógica.

Esse retorno das imagens analógicas se configura como uma reação à digitalização da imagem. A fotografia deixou, então, de ser palpável para existir apenas em arquivos binários – códigos que, unidos, permitem a visualização de uma imagem através de plataformas decodificadoras, como computadores e celulares. Esse fato acarretaria na “perda da conexão com a realidade física que a fotografia sempre se particularizou por ter” (XEREZ, 2011, p.3), como afirma a autora:

¹⁰ Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/instagram-atinge-os-100-milhoes-de-usuarios.html>. Acesso em 31 de julho de 2013.

¹¹ Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>. Acesso em 31 de julho de 2013.

Enquanto para cada ponto da imagem ótica corresponde um ponto da imagem real, nenhum ponto de qualquer objeto real preexistente corresponde ao pixel. O pixel é a expressão visual, materializada na tela, de um cálculo efetuado pelo computador, conforme as instruções de um programa. Se alguma coisa preexiste ao pixel e à imagem é o programa, isto é, linguagem e números, e não mais o real. Eis porque a imagem numérica não representa mais o mundo real, ela o simula (PARENTE, Apuxe XEREZ, 2011, p.7).

O fenômeno descrito dá-se principalmente na forma da lomografia. É chamada de “lomografia” a fotografia feita através de câmeras lomo. O nome vem de uma empresa fabricante de equipamentos óticos russa chamada Leningradskoye Optiko Mechanicheskoye Obyedienie (União de Ótica Mecânica de Leningrado). As câmeras da Lomo começaram a ser fabricadas nos anos 1980 e, desde sua criação, propuseram um novo modo de fotografar, sem muitas regras e restrições estéticas. O movimento lomográfico teve bastante força na época de sua criação, mas foi diminuindo junto com a ascensão da câmera digital. Porém, nos últimos anos, com a força que a nostalgia vem ganhando, as câmeras lomo voltaram a ser comercializadas e ganharam vários novos entusiastas ao redor do mundo, além da fabricação de novos modelos de máquinas.

As lomos são câmeras fotográficas automáticas e de baixo custo. Como têm corpo e lente fabricados em material plástico, o preço das câmeras é muito acessível, proporcionando um novo fazer fotográfico em meio à digitalização. Cada uma dessas câmeras possui a capacidade de imprimir certos efeitos em suas imagens dependendo do modelo escolhido para fotografar.

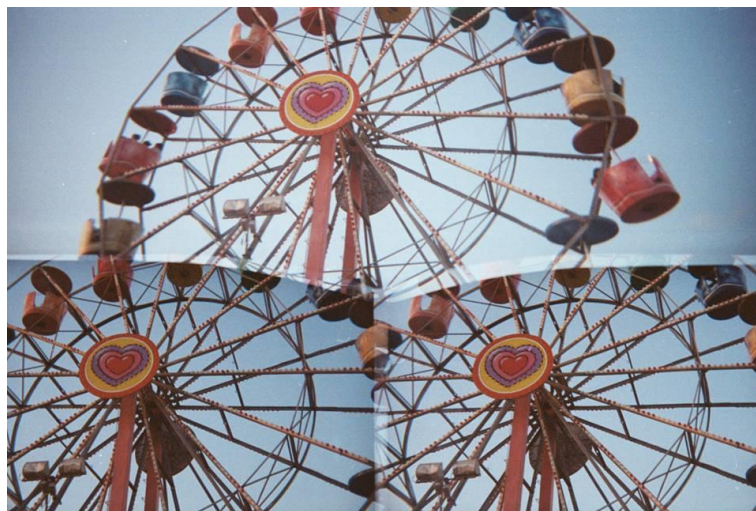


Imagem 3. Imagem feita com câmera Action Sampler Robot, por Pedro Trindade

Um outro atrativo da lomografia é a quantidade de filmes que podem ser empregados para, junto com as câmeras, imprimirem efeitos específicos nas imagens. Além dos negativos comuns, são muito utilizados filmes preto e branco, redscale (que



produz fotos em tons vermelhos), X-Pro (que produz imagens com cores fortes e altos contrastes), entre outros.

Enquanto reação contra paradigmas da fotografia contemporânea – sendo eles a grande disseminação de imagens na rede e sua total digitalização – e da própria fotografia analógica – a lomografia se impõe como um modo de fotografar livre, sem muitas regras.

A lomografia é uma expressão *vintage* da fotografia contemporânea ao proporcionar que a própria fotografia analógica, considerada ultrapassada, voltasse ao mercado, exatamente do jeito como era antes. Segundo Tatiana Xerez, “Rituais que tinham praticamente desaparecido, como esperar para ver o filme ser revelado, voltam com toda força e graça” (XEREZ, 2011, p. 10). O fenômeno atingiu tamanha proporção que hoje existem sites especializados em vendas de câmeras analógicas, como a Lomography¹² e a Toy Câmera¹³, além de elas terem voltado às prateleiras das lojas de fotografia e de outros setores, como é o caso da Livraria Cultura, que já vende câmeras e filmes em sua seção “Geek.etc.br”¹⁴.

É interessante perceber que, mesmo se tratando de um movimento *vintage*, é impossível ficar totalmente no passado. E é por conta da tecnologia que a lomografia tem se tornado tão popular. Para Xerez, “a lomografia desenvolve uma postura de reação mas também de apropriação daquilo que o digital e seus recursos, a arte contemporânea e suas consequências trouxeram” (2011, p. 8). Ou seja, muitos grupos de “lomógrafos” se iniciaram na internet, além de a maior parte do comércio desse tipo de câmera também ser feito on-line. Soma-se a isso o fato de as fotografias analógicas geralmente serem escaneadas e publicadas nas redes sociais.

Utilizando-se dos meios digitais e das novas mídias sociais como Orkut, Facebook e Twitter, a comunidade lomográfica espalhada por todo o globo divulga seu trabalho e convoca ações coletivas que se realizam por toda parte e em diversos momentos, reunindo democraticamente todos os interessados em participar do movimento (XEREZ, 2011, p. 12).

1.2.1. A Fuji Instax

Observando o sucesso das câmeras lomo no mercado e obedecendo aos mesmos critérios básicos da lomografia, a Fuji lançou, no final da década de 2000, a linha Instax,

¹² <http://shop.lomography.com/br/>

¹³ <http://www.toycamera.com.br/>

¹⁴ <http://www.geek.etc.br/loja/vitrine-produtos.aspx?n1=6&n2=5>



câmeras instantâneas automáticas de baixo custo. Os modelos não custam mais do que R\$ 300 e os filmes com 20 fotos são vendidos a, aproximadamente, R\$ 40. Esse “baixo custo” pode parecer alto em tempos de fotografia digital, porém, se comparamos os preços aos de um filme da Polaroid (marca consagrada por suas câmeras instantâneas), veremos que a proposta da Fuji é realmente comercializar uma câmera instantânea de baixo custo. O preço de um filme da Polaroid, no Brasil, custa mais de R\$ 100, além de geralmente só ser vendido pela internet. Os filmes da Instax já são encontrados em diversas lojas físicas de equipamentos tecnológicos.

As câmeras Instax são práticas de usar, possuindo quatro modos diferentes para diferentes situações (ambiente interno – f12.7, nublado – f16, pouco sol – f22 e ensolarado – f32) e uma lente com distância focal de 60mm. A velocidade do obturador é sempre de 1/60s e o flash embutido dispara em todos os quatro modos de exposição. As fotos impressas possuem dimensões de 6,2 x 4,6cm sem levar em consideração as dimensões da borda. As imagens são relativamente pequenas e geralmente saem um pouco escuras por conta das aberturas do diafragma, sempre pequenas para que a imagem saia, na maior parte das vezes, com foco.

Assim, as câmeras Instax resgatam a fotografia instantânea, que teve seu auge na década de 1980 com as câmeras da Polaroid, levando-a a um público mais novo, sedento por novidades e desacostumado com esse tipo de fotografia a um baixo custo.

1.3. A Polaroid

Vale notar que nem sempre um produto nostálgico está inserido apenas no conceito de *retrô* ou *vintage*. Muitas vezes, as características de ambas as categorias se apresentam ao mesmo tempo, resultando em um produto tanto *retrô* quanto *vintage*. Na fotografia contemporânea, a marca de câmeras fotográficas Polaroid expressa bem os aspectos desse estilo ao trazer suas famosas câmeras instantâneas e seus respectivos filmes para os dias de hoje ao mesmo tempo em que lança câmeras digitais (algumas inclusive digitais e instantâneas) no mercado, além de aplicativos de edição de imagem para smartphones, roupas, livros e outros produtos que remetem à marca. O próprio ressurgimento da marca, após ter decretado falência em 2001, se configura em um fenômeno da nostalgia contemporânea.

(...) a marca [Polaroid] ressurgiu em 2008. Em parte, os responsáveis pelo seu retorno são um grupo de holandeses, formados por ex-funcionários da Polaroid e fãs de fotografia que criaram uma

organização chamada “The Impossible Project” [O Projeto Impossível]¹⁵, e lutavam desde então para que a clássica câmera continuasse no mercado. Eles conseguiram criar um desejo pelo seu retorno e conquistar apoiadores no mundo todo (HERNANDEZ, 2011, p.38).

O Projeto Impossível trouxe de volta ao mercado câmeras clássicas da Polaroid como três versões da Polaroid 600, a SX-70 e as Polaroid Image e Image 2 e seus respectivos filmes, todos à venda na internet¹⁶. Os preços das câmeras *vintage*, no site do projeto, estão entre US\$ 64 e US\$ 539. Já os filmes variam entre US\$ 23,49 e US\$ 189,99¹⁷.

No lado retrô da Polaroid, vários produtos se apresentam exaltando o modo instantâneo de fazer fotografia, consagrado pela marca, como livros, peças de vestuário, porta-retratos, entre outros.

Além disso, a Polaroid não se dedica, hoje, exclusivamente à fotografia instantânea analógica. Vários produtos, inclusive câmeras digitais, são comercializados pela marca.

Remodelada, a empresa [Polaroid] agora produz máquinas digitais, máquinas filmadoras e impressoras de fotos portáteis. Além de filmes específicos para deixar as fotos com cara de antigas, como filmes que imprimem em tons amarelados (sépia), filmes em preto e branco, entre outros (HERNANDEZ, 2011, p. 39)

Vale destacar que a Polaroid também quer trazer sua fotografia instantânea para a fotografia digital. Em julho de 2012, a marca lançou a câmera Z2300, digital e instantânea, que permite ao fotógrafo tanto imprimir suas fotos na hora quanto apenas guardá-las no cartão de memória. As fotos impressas possuem dimensões de 5 x 8 cm e são impressas em papel Zink¹⁸. Além disso, ela ainda possui um software de edição de imagens embutido, o que faz com que o usuário da câmera faça alguns pequenos ajustes em sua imagem antes de imprimi-la. Por enquanto, a câmera é apenas vendida no exterior e custa cerca de US\$ 200.

Acompanhando o sucesso do Instagram e demais aplicativos *retrôs* de edição de imagem para *smartphones*, a marca desenvolveu seu próprio aplicativo que simula as bordas das instantâneas da Polaroid no próprio celular, além de permitir a adição de filtros à imagem: o Polamatic.

¹⁵ Tradução do autor deste trabalho.

¹⁶ <http://shop.the-impossible-project.com>.

¹⁷ Preços consultados no dia 6 de agosto de 2013.

¹⁸ Papel de impressão fotográfica formado por minúsculos cristais transparentes que, quando aquecidos, transformam-se em cores, resultando na imagem feita pela câmera (Fonte: tecmundo.com.br).



O Polamatic pode ser baixado em aparelhos que utilizem o sistema operacional iOS¹⁹ a partir da loja de aplicativos da Apple, a AppStore. Ao abrir o aplicativo, o usuário irá selecionar a foto que irá enquadrar nas bordas da Polaroid. Em seguida, o aplicativo irá abrir o editor de imagens, em que o usuário pode reenquadrar a fotografia, escolher o tipo de borda que deseja aplicar à imagem, além de poder aplicar filtros e escrever na parte de baixo da borda da imagem, como muitas pessoas costumavam fazer nas instantâneas.

2. A reconfiguração da aura na fotografia

Essa grande valorização da fotografia analógica em virtude da grande veiculação de imagens na internet por conta da fotografia móvel e on-line remete a algumas discussões dos primórdios da fotografia, quando Walter Benjamin, em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, problematizou a questão da aura da obra de arte. Na época, a fotografia, ao ser tecnicamente reprodutível, algo totalmente novo para as artes, rompeu certos paradigmas artísticos, o que acarretou em diversas discussões sobre sua autenticidade e seu valor enquanto obra de arte. Segundo Benjamin, na pintura, “mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra” (1987, p. 2), ou seja, mesmo na reprodução mais perfeita de uma pintura é possível perceber se determinada imagem é a original ou uma reprodução. O mesmo não acontece com a fotografia. Ao ser tecnicamente reprodutível, uma imagem pode ser impressa inúmeras vezes sem que exista, de fato, alguma diferença entre a imagem reproduzida e a original.

Enquanto o autêntico preserva toda a sua autoridade com relação à reprodução manual, em geral considerada uma falsificação, o mesmo não ocorre no que diz respeito à reprodução técnica, e isso por duas razões. Em primeiro lugar, relativamente ao original, reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. [...] Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo da obra (BENJAMIN, 1987, p.2).

¹⁹ iPhone, iPod Touch e iPad.

No caso da fotografia, especificamente, a reprodução através do filme fotográfico pode acentuar alguns aspectos da imagem original, dependendo de como se manipule esse filme.

Hoje, essa reprodutibilidade, digital e on-line, superou os níveis técnicos, fazendo com que a mesma imagem possa ser reproduzida infinitas vezes, por diversas pessoas ao redor do mundo, apenas com uns poucos cliques no mouse do computador. Se antes existia uma matriz (o filme) de onde se obtiam as reproduções, hoje a própria fotografia perde esse poder de originalidade ao ser tão arquivo binário quanto suas reproduções.

Dentro da rede, a distinção entre original e cópia deixa de existir (...) Mesmo com a criação do arquivo RAW, conhecido como negativo digital, mais fiel àquilo que foi fotografado e dotado de mais informações de detalhe, a problemática que se estabelece entre original e cópia, ou melhor, entre a inexistência de original ou cópia, permanece. Ainda que seja um arquivo bruto, não deixa de ser um arquivo binário programado, que pode ser reprogramado, modificado e copiado tantas vezes forem desejadas (XEREZ, 2011, p.3)

Além disso, a internet possibilita que a mesma imagem seja veiculada em qualquer local do planeta com acesso à rede, o que leva a exposição da fotografia a um novo patamar. Se antes uma imagem era tecnicamente reprodutível e chegava àqueles que estivessem fisicamente próximos das cópias, hoje a mesma imagem pode ser vista por várias pessoas ao mesmo tempo, em locais diferentes.

A produção artística começa com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, é que elas existem, e não que sejam vistas. [...] O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte [...]. *À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas.* (BENJAMIN, 1987, p. 4).

De acordo com Benjamin, as primeiras manifestações artísticas – as pinturas rupestres – eram tidas apenas como instrumentos de culto, com um aspecto “mágico” atrelado a elas. Por mais que fossem inacessíveis, essas obras existiam e isso bastava para seu culto. Com o tempo, novas formas de artes foram surgindo e, aos poucos, esse culto pela obra de arte foi diminuindo. Nessa perspectiva, um quadro, por exemplo, ao poder ser transportado, possui mais exponibilidade do que um afresco, seu antecessor.

Para Benjamin, “com a fotografia, o valor de culto começa a recuar, em todas as frentes, diante do valor de exposição” (1987, p. 4), ou seja, ao ser tecnicamente reprodutível, esse “culto” que existia nas chamadas artes clássicas deixa de fazer sentido na medida em que a mesma fotografia pode ser vista por inúmeras pessoas nas mais



diversas situações. Ao romper as barreiras do culto e aproximar-se do espectador, a fotografia “destruiria” a aura da obra de arte:

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho (BENJAMIN, 1987, p.3).

Na internet, o valor de exposição de uma imagem é multiplicado. “As imagens se sucedem e, com as novas tecnologias, estão por toda parte, nos monitores de todos, a qualquer momento” (XEREZ, 2011, p. 5) e essas imagens estão disponíveis para quem quiser vê-las, a qualquer momento e em qualquer lugar, através de todos os aparelhos que possuem acesso à internet, como computadores, celulares, tablets e outros.

A facilidade de produção e disseminação é tanta que podem levar até ao irreconhecimento da fotografia como forma de arte simplesmente pela vulgarização da linguagem fotográfica pelo excesso de seu uso e de sua recepção (XEREZ, 2011, p. 4).

É desse desgaste da exposição da fotografia na internet, aliado à característica nostálgica da sociedade contemporânea, que surge esse movimento de valorização da fotografia analógica como forma autêntica, posto que, fora da internet, é palpável e apenas reproduzível até certo ponto. Hoje, a fotografia analógica ganhou valorização similar ao valor da pintura no início do século XX. A fotografia analógica distanciou-se do cotidiano da sociedade ao ser “substituída” por seu modelo digital e sua reprodutibilidade é mínima se comparada à da fotografia digital (apesar de podermos digitalizar a imagem analógica). Pode-se falar, inclusive, numa certa “reconfiguração da aura” da obra de arte problematizada por Benjamin e que ainda deve ser bastante estudada e explorada no futuro.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HERNANDEZ, J. N. **A nostalgia enquanto tendência de comportamento entre os jovens da geração Y**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37563/000822583.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 de junho de 2013.

JUNIOR, J. A. S. **Da fotografia expandida à fotografia desprendida: como o Instagram explica a crise da Kodak e vice-versa**. Recife, 2012. Disponível em:



<<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1704-1.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

LINASCHKE, J. **Getting the most from Instagram**. Berkeley: Peachpit Press, 2011.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

PEREIRA, V. A. **As tecnologias de comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan**. ESPM, São Paulo, 2004.

PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram: considerações sob a contemporaneidade em reconhecimento ao passado**. Universidade de Brasília: Brasília, 2012.

ROHENKOHL, R. A. S. **Design retro: um desafio da contemporaneidade em reconhecimento ao passado**. Unoesc & Ciência – ACSA, Joaçaba, 2011.

XEREZ, T. **Lomografia: fotografia pós-digital**. ANPAP (Associação nacional de pesquisadores em artes plásticas), 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/tatiana_rodrigues_xerez.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2012.